

**Sujeitos e lugares do conhecimento:  
o ser humano, a sociedade, o meio ambiente**

Adilson Schultz

Para a disciplina Conhecimento e Saber  
Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix



**1. MAIÊUTICA SOCRÁTICA *VERSUS* CURVA DE NÍVEL:**

**O JOGO DE PODER DA EDUCAÇÃO**

Para começar a aula sobre sujeitos e lugares do conhecimento, leia atentamente um trecho do livro “*Pedagogia da Esperança*”, do pensador e educador Paulo Freire. Trata-se de um instigante diálogo acontecido entre o autor e um grupo de camponeses chilenos. Paulo Freire conta que ele fora visitar um assentamento de Reforma Agrária no Chile, onde um amigo educador atuava no que chamavam “círculos de cultura”, processos coletivos de “leitura da palavra e de re-leitura do mundo”. O diálogo que ele teve com os camponeses muito nos ensina sobre sujeitos e lugares do conhecimento.

Pedindo licença ao educador que coordenava a discussão do grupo, perguntei a este se aceitava uma conversa comigo.

Depois da aceitação, começamos um diálogo vivo, com perguntas e respostas de mim e deles a que, porém, se seguiu, rápido, um silêncio desconcertante.

Eu também fiquei silencioso.

[... até que]

\_ “Desculpe, senhor”, disse um deles, que estivéssemos falando. O senhor é que podia falar porque o senhor é o que sabe. Nós, não.”

Quantas vezes escutara esse discurso em Pernambuco e não só nas zonas rurais, mas no Recife também. (...)

O que não teria sentido é que eu ‘enchesse’ o silêncio do grupo de camponeses com minha palavra, reforçando assim a ideologia que já haviam explicitado. O que eu teria de fazer era partir da aceitação de alguma coisa dita no discurso do camponês, problematizando-os, trazê-los ao diálogo de novo. (...)

\_ ‘Muito bem’, disse em resposta à intervenção do camponês. Aceito que eu sei e que vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. Vou dividir o quadro-negro em dois pedaços, em que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês, os gols que faremos eu, em vocês; vocês, em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntando não sabe responder, é gol do perguntador. “Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês”

A essa altura, precisamente porque assumira o momento do grupo, o clima era mais vivo do que quando começáramos, antes do silêncio.

Primeira pergunta:

\_ Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei meu primeiro gol.

\_ Agora cabe a vocês fazerem a pergunta para mim – disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

\_ Que é curva de nível?

Não soube responder. Registrei um a um.

\_ Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

\_ Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

\_ Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

\_ Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três.

\_ Que significa epistemologia?

Quatro a três.

\_ O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez.

Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: ‘Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto’<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Paulo FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 48-49.

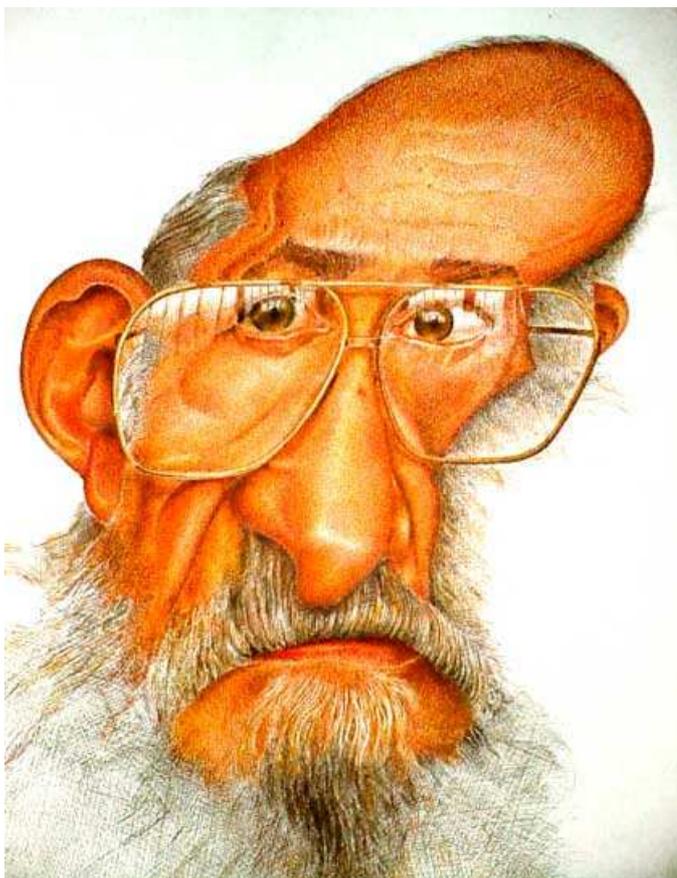
Que experiência interessante nos conta Paulo Freire, não é mesmo? O que ela nos ensina sobre sujeitos e lugares do conhecimento? Quem é o sujeito do conhecimento? Em que lugar acontece conhecimento?

Certamente um assentamento de reforma agrária não é reconhecido como um lugar de ensino formal, mas lá há muito conhecimento. Da mesma forma, um doutor em educação tem formação acadêmica apurada, mas ele não sabe tudo.

Pense um pouco: Quem é o sujeito do conhecimento na sua sala de aula? O professor ou o aluno? Que outro lugar além da sala de aula também acontece conhecimento?

Para ajudar na sua reflexão, retome a questão da dimensão ética do conhecimento, e sua relação com a palavra *poder*. A situação vivida por Paulo Freire tem tudo a ver com o que diz o pensador Otto Maduro, no livro “*Mapas para a festa*”, mostrando que educação e conhecimento também é um jogo de poder:

*Dominar certos conhecimentos pode nos proporcionar uma determinada vantagem sobre aqueles que ‘carecem’ dos mesmos, até o ponto de transformar esse ‘saber’ em ‘poder’: inclusive em poder para nos aproveitarmos de outras pessoas e para mantê-las na ‘ignorância’ daquilo que poderia lhes servir para levar uma vida mais verdadeiramente sua.*

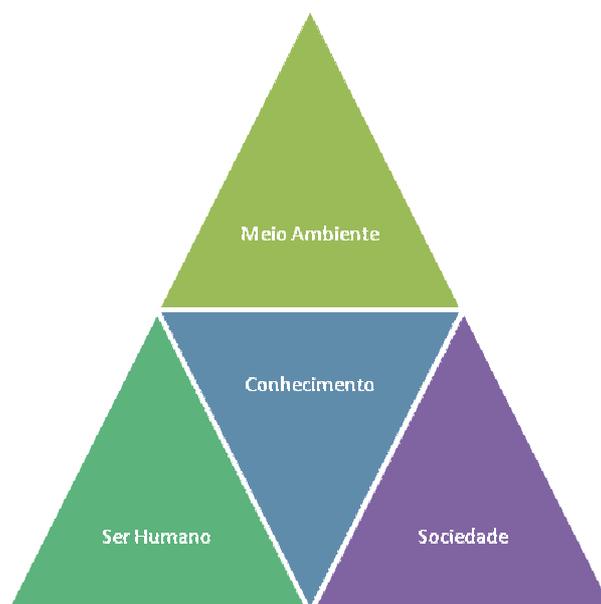


Paulo Freire viveu como refugiado político no Chile entre 1965 e 1969, exilado do Brasil após o golpe militar de 1964. Em 1963 chegou a ocupar um cargo no ministério da Educação do governo de Jango. Falecido em 1997, é possivelmente o intelectual brasileiro mais conhecido no exterior, tendo sua obra estudada em universidades de mais de 90 países. Um episódio que atesta seu gênio ocorreu em 1962, quando, em apenas 45 dias, ensinou 300 cortadores de cana a ler e escrever, mostrando que seu método de alfabetização funcionada na prática. Entre suas principais obras na área da educação estão “Pedagogia da Autonomia”, “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Esperança”.  
Visite também o site [WWW.PAULOFREIRE.ORG.BR](http://WWW.PAULOFREIRE.ORG.BR)

Crédito da charge de Paulo Freire:  
<http://andretoso.files.wordpress.com/2008/09/paulo-freire1.jpg>.

## 2. SUJEITOS E LUGARES DO CONHECIMENTO NA DISCIPLINA CONHECIMENTO E SABER

A construção da disciplina CONHECIMENTO E SABER, conforme já dito também na apresentação da disciplina, acontece em conjunto com as outras três disciplinas de formação humanística do seu curso: ser humano em relações, sociedade e movimentos, meio ambiente e consciência planetária. Reflete uma tentativa de recolher em três domínios aquilo que é essencial no conhecimento sobre a vida, quais



sejam, o meio ambiente, o ser humano em suas relações, a sociedade em seus movimento. O pensador Félix Guattari, no seu livro “As três ecologias”, chama esse conjunto de registros de *ecosofia*, uma confluência das *ecologias* ambiental, social e mental – ou, em outras palavras, da natureza, do social e do psíquico. Segundo Guattari, só uma articulação ético-política entre esses três registros essenciais da vida - social, mental e ambiental - é que poderá dar novo alento para o mundo. É o que ele chama de *ecosofia*, a sabedoria da casa, do mundo – ao invés de *ecologia* – estudo da casa, do mundo.

Inspirados nessa abrangência da vida é que se constitui o projeto de formação humanística do seu curso. “*As três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam*”. Trata-se de considerar o Meio Ambiente, o Ser Humano e a Sociedade não apenas objetos do conhecimento, mas também sujeitos e lugares dele.

A palavra *ecologia* não tem a ver só com árvores e rios. O radical *eco* vem do grego *Oikos*, que literalmente significa *casa*, ou meio, ou lugar (de vida). É o mesmo significado do radical *eco* em palavras como *economia*, *ecografia*, *ecumenismo*, etc. E casa ou meio de vida não é só o meio ambiente, mas também as relações pessoais e sociais.

A crise ambiental levada a público especialmente nos últimos cinco anos despertou o conhecimento em várias áreas de saber. É como se a ecologia formatasse o conhecimento... Ela vira um sujeito ativo do conhecimento. Esse debate em torno da crise ambiental mundial tem o mérito de acercar ao imaginário geral um tema outrora restrito a nichos governamentais e sociais especializados, a ecologia. E de repente descobriu-se que os ecologistas tinham razão... Graças às ameaças de superaquecimento global, de elevação do nível do mar, da escassez de água ou do uso e abuso dos recursos naturais, a ortodoxa ecologia popularizou-se.

Vêm-se cada vez mais iniciativas populares e oficiais, mais ou menos organizadas coletivamente, que tentam colocar em circulação uma preocupação com o Meio Ambiente e com o bem-estar da coletividade, indo desde o uso racional dos recursos naturais até a simples separação de lixo nas residências e condomínios.

Seguindo a terminologia sugerida por Felix Guattari, pode-se dizer que vemos sendo forjada coletivamente uma certa *ecologia ambiental*, que busca não apenas salvar o planeta, mas também repensar e refazer a relação das sociedades com o meio ambiente no qual se vive, na busca de uma sociedade sustentável e ecologicamente correta.

Não bastasse esse despertar ambiental, emerge também uma certa *ecologia social*, resgatando e atualizando as análises críticas ao sistema econômico capitalista, denunciando a voracidade consumista, presenteísta e individualista da subjetividade contemporânea. A exclusão social, a fome, a guerra, a escassez de moradia, a desigualdade econômica, enfim, toda a engenharia social, estaria perto do colapso e precisando ser reinventada.

Finalmente, para além da ecologia ambiental e social, debate-se também a urgência de uma certa *ecologia mental*: é a própria constituição humana em suas relações, ideologias e espiritualidades que estaria em crise e necessitando ser repensada e recriada. As ideologias e os sistemas de sentido patriarcais, por exemplo, levam ao colapso das relações humanas porque forjariam um ser humano egoísta, auto-suficiente e autoritário que não cumpre o ideal humano relacional, amoroso e responsável uns

pelos outros<sup>2</sup>. Pode-se pensar aqui que o ser humano possui certos traços-dons-estruturas destinados à colaboração, ao amor, à solidariedade.

Por fim, às ecologias Ambiental, Social e Mental poderiam ser agregadas também uma urgência ecológica *espiritual* que, embora não separada das outras três, tem inegável apelo didático enquanto ponto de ruptura com práticas e pensamentos religiosos no mínimo “poluentes”. Pensemos em certa espiritualidade descompromissada e urgente da bênção “aqui e agora”, ou na produção “capitalística” do desejo dos crentes, que se vêem inclusive autorizados a chantagear e exigir bênçãos e bens de Deus.

Em qualquer um desses registros – ambiental, social, mental – e espiritual! - a questão ecológica pede da academia, seus\suas professores\as e estudantes, uma espécie de transferência necessária do individual para o coletivo; transferência da ênfase no presente para a abertura para o futuro. Os apelos por uma consciência planetária pedem da academia a criação de uma espécie de *Conhecimento Planetário*, mais ocupado com o futuro do que com o presente; mais com o coletivo que o individual, mais geral do que comunitário – que coloque o Planeta, o Ser Humano e a Sociedade como sujeitos e lugares do conhecimento.

Assim, o campo de estudos humanísticos, também essa disciplina, pretende-se um centro aglutinador que indica linhas de reconstrução humana necessárias em vários domínios do mundo acadêmico, reconfigurando as relações entre as pessoas em sociedade, com a natureza, com a psique e com o divino. Como sugere Félix Guattari, abre-se aí a configuração de um novo campo de saber - ou uma disciplina comum a vários campos de saber - que integre dimensões éticas, estéticas e espirituais, assim forjando, com ênfases distintas, práticas comuns em prol da vida no planeta. Uma espécie de meio no qual se encontram águas de todo rio.

---

<sup>2</sup> Gregory BATESON (1980) apud GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 17<sup>a</sup>. Campinas: Papyrus, 1980, fala em “ecologia das idéias”, para referir-se à *ecologia mental*, numa tentativa de escapar tanto da exclusividade dos condicionamentos externos - ambientais e sociais - da ecologia quanto dos exclusivamente internos - psicológicos. O sistema de idéias está organizado na *mente*, ou no *espírito*, cujas fronteiras ou domínios estão muito além do próprio indivíduo.

### 3. AS TRÊS ECOLOGIAS – trecho do livro de Felix Guattari

Agora, então, convidamos você para um exercício de leitura de um trecho do livro “As três ecologias”, do pensador Felix Guattari. Nesse livro o autor mostra que ecologia é muito mais do que preservação do meio ambiente, pois tem a ver com a preservação e construção de uma sociedade e de seres humanos sustentáveis e saudáveis.

Como você verá, a leitura exige dedicação e atenção. Não é um texto fácil na primeira leitura. Anote as palavras ou frases que você não entendeu. Se necessário, escreva para o professor ou a professora pedindo ajuda. E se puder, busque o livro na biblioteca.

“O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão reduzidas a sua mais pobre expressão...

É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento.

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-político – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer conveniente tais questões.

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade?

A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? No Terceiro Mundo, como no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos, como é o caso, por exemplo, da assustadora exacerbação dos fenômenos de integrismo religioso.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução

deverá concernir, portanto, não só às relações de força visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. Uma finalidade do trabalho social regulada de maneira unívoca por uma economia de lucro e por relações de poder só pode, no momento, levar a dramáticos impasses – o que fica manifesto no absurdo das tutelas econômicas que pesam sobre o Terceiro Mundo e conduzem algumas de suas regiões a uma pauperização absoluta e irreversível; fica igualmente evidente em países como a França, onde a proliferação de centrais nucleares faz pesar o risco das possíveis conseqüências de acidentes do tipo Chernobyl sobre uma grande parte da Europa. Sem falar do caráter quase delirante da estocagem de milhares de ogivas nucleares que, à menor falha técnica ou humana, poderiam mecanicamente conduzir a um extermínio coletivo. Através de cada um desses exemplos, encontra-se o mesmo questionamento dos modos dominantes de valorização das atividades humanas, a saber ;

1. o do império de um mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor , que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais , os bens culturais, as áreas naturais etc;

2. o que coloca o conjunto das relações sociais e das relações internacionais sob a direção das máquinas policiais e militares.

Os Estados, entre essas duas pinças, vêem seu tradicional papel de mediação reduzir-se cada vez mais e se colocam, na maioria das vezes, ao serviço conjugado das instâncias do mercado mundial e dos complexos militar-industriais. (...)

Assim, para onde quer que voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos.

No entanto podemos nos perguntar se essa fase paroxística de laminagem das subjetividades, dos bens e do meio ambiente não está sendo levada a entrar num período de declínio. Por toda parte surgem reivindicações de singularidade; os sinais mais evidentes a esse respeito residem na multiplicação das reivindicações nacionalitárias, ontem ainda marginais, que ocupam cada vez mais o primeiro plano das cenas políticas. (...)

É nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas. Entendamo-nos bem: não pretendo de maneira alguma que estas novas problemáticas ecológicas tenham que “encabeçar” as outras linhas de fraturas moleculares, mas parece-me que elas evocam uma problematização que se torna transversal a essas outras linhas de fratura. (...)

A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc. Certamente seria inconcebível pretender retornar a fórmulas anteriores, correspondentes a períodos nos quais, ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais forte que hoje. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais” mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais, mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis micro-sociais quanto em escalas institucionais maiores.

A ecosofia mental, por sua vez, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, (...) com o tempo que passa com os “mistérios” da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais “psi”, sempre assombrados por ideal caduco de cientificidade.

Nada nesses domínios está sendo tratada em nome da história, em nome de determinismos infra-estruturais! A possibilidade de uma implosão bárbara não está de jeito nenhum excluída. E se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres ... (...)

As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a “natureza” tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto. Catastróficas ou não, as evoluções negativas são aceitas tais como são. O estruturalismo - e depois o pós-modernismo - acostumou-nos a uma visão de mundo que elimina a pertinência das intervenções humanas que se encarnam em políticas e micropolíticas concretas. Explicar este perecimento das práxis sociais pela morte das ideologias e pelo retorno aos valores universais me parece pouco satisfatório. Na realidade, o que convém incriminar, principalmente, é a inadaptação das práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real. Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para a frente, apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos. (...)

Concluindo, as três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. Seus registros são da alçada do que chamei *heterogênese*, isto é, processo contínuo de re-singularização. Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes.”

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3ª ed. São Paulo : Paz e Terra, 1994.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis : Vozes, 1994.

Busque mais informações sobre Paulo Freire na biblioteca ou na internet, como no site: [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)

Quer ver estudos sobre Paulo Freire no exterior? Consulte [www.paulofreireinstitute.org](http://www.paulofreireinstitute.org), da universidade da Califórnia, EUA.

Você quer ver um filme sobre o período da ditadura militar no Brasil, episódio que exilou Paulo Freire e tantos outros ativistas e intelectuais brasileiros? **Batismo de sangue**, de Helvécio Rattón. Veja fotos e trailer em: [HTTP://filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=319](http://filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=319)